



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

MICHELLE DE OLIVEIRA CALIXTO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR:
CUIDADOS, LUDICIDADE E APRENDIZAGEM**

Brasília – DF

2022



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

MICHELLE DE OLIVEIRA CALIXTO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR:
CUIDADOS, LUDICIDADE E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor doutor Antônio Villar Marques de Sá.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dp de Oliveira Calixto, Michelle
PEDAGOGIA HOSPITALAR: CUIDADOS, LUDICIDADE E
APRENDIZAGEM / Michelle de Oliveira Calixto; orientador
Antônio Villar Marques de Sá. -- Brasília, 2022.
43 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2022.

1. Pedagogia Hospitalar. 2. Papel do Pedagogo no
ambiente hospitalar . 3. Ludicidade . I. Villar Marques de
Sá, Antônio, orient. II. Título.

MICHELLE DE OLIVEIRA CALIXTO

Matrícula: **17/0051218**

**PEDAGOGIA HOSPITALAR:
CUIDADOS, LUDICIDADE E APRENDIZAGEM**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sá
Orientador - FE - UnB

Profa. Dra. Amaralina Miranda de Souza
Examinadora - FE - UnB

Profa. Dra. Katia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva
Examinadora - FE - UnB

Profa. Mestre Milene de Fátima Soares
Suplente - FE - UnB

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso contou com ajuda de diversas pessoas.

Agradeço a Deus primeiramente que manteve minha saúde mental e física para a realização de mais uma etapa.

Aos meus professores e a meu orientador Antônio Villar Marques de Sá que aceitou conduzir meu trabalho de pesquisa, que estiveram comigo nessa caminhada acadêmica, que me deram auxílio necessário para a elaboração desse projeto, que me ajudaram e me forneceram os conhecimentos necessários para ser uma futura pedagoga.

Agradeço às Examinadoras Amaralina Miranda de Souza, Katia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva e Milene de Fátima Soares (suplente), por me auxiliarem, nos diversos ensinamentos que a Pedagogia contempla e me mostrar o caminho em que escolhi exercer.

Às colegas de curso que estiveram comigo nesses anos, que vivenciaram o meu sonho e que me incentivaram a não desistir, noites e noites estudando, fazendo trabalhos, indo para estágios, compartilhando conhecimentos, sem elas nada disso seria tão leve como foi.

Quero agradecer aos meus familiares que me incentivaram em todos os momentos e que seguraram na minha mão para a realização de mais uma etapa que está sendo concluída, sem eles também nada disso seria possível. Obrigada a todos!

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade

(FREIRE, 1996, p. 24).

RESUMO

A Pedagogia Hospitalar nos dias atuais vem se tornando uma área na educação que requer ações pedagógicas inovadoras e que através de novos espaços leva o ensino e a educação em qualquer ambiente, de forma lúdica e recreativa. Sendo assim, a Pedagogia Hospitalar lutou para que houvesse um espaço de aprendizagem não só no ambiente escolar, mas sim em qualquer local em que houvesse o interesse da parte do aluno e do pedagogo de aprender e ensinar, para que a criança possa dar continuidade nos seus estudos. Portanto, buscou-se entender a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar e, a partir disso, refletir sobre a importância da ludicidade no hospital, local de tristeza e dor. Para conclusão do objetivo, foram utilizadas pesquisas bibliográficas, documentais e em campo. Observou-se que os hospitais têm a necessidade de um profissional da educação, que vise a promoção do atendimento integral às crianças enfermas, juntamente com os profissionais da saúde, e essa função é desenvolvida através das classes e brinquedotecas hospitalares, que contribuem no processo de recuperação dessas crianças hospitalizadas a partir da aplicação de atividades lúdico-pedagógicas. Desta forma, as pesquisas feitas mostraram a importância do pedagogo hospitalar, e a importância da ludicidade no hospital, como ferramenta capaz de modificar as situações desgastáveis vindas do processo de internação, propondo educar de modo integrado.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Brinquedoteca Hospitalar; Classe Hospitalar; Ludicidade; Aprendizagem.

ABSTRACT

Hospital Pedagogy nowadays has been taking an area in education that requires innovative pedagogical actions and that through new spaces takes teaching/education in any environment, in a playful and recreational way. Thus, hospital pedagogy fought for there to be a learning space not only in the school environment, but in any environment in which there was an interest on the part of the student and the pedagogue to learn and teach, so that the child can continue in their activities. studies. Therefore, we sought to understand the role of the pedagogue in the hospital environment and from this reflect the importance of playfulness in this environment of so much sadness and pain. To conclude the objective, bibliographic and documentary research was used. Thus, it was observed that hospitals need an education professional, where they aim to promote comprehensive care for sick children, together with health professionals, and this function is developed through hospital/toy library classes that contribute to the recovery process of hospitalized children from the application of ludic-pedagogical activities. In this way, the research carried out shows the importance of the hospital pedagogue, and the importance of playfulness in the hospital, as a tool capable of modifying the stressful situations arising from the hospitalization process, where it proposes to educate in an integrated way.

Keywords: Hospital pedagogy; Hospital toy library; Hospital class; playfulness; Learning.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Brincando com a Ana Luíza	14
Figura 2 – Poema de Natal	15
Figura 3 – Turma Jardim II	15
Figura 4 – Turma do Ensino Médio	18
Figura 5 – Amigos do Ensino Médio	18
Figura 6 – Formatura do Ensino Médio	19
Figura 7 – Aprovação na UnB	20
Figura 8 – Brinquedo Pedagógico	36
Figura 9 – Atendimento Pedagógico ao Leo	37
Figura 10 – Atendimento Pedagógico com as crianças	38
Figura 11 – Brinquedoteca	39
Figura 12 – Atendimento Pedagógico com o Adriano	40
Figura 13 – Classe Hospitalar	41
Figura 14 – Desenho	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCE	Biblioteca Central
Cebraspe	Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos
CED	Centro Educacional
CEMNB	Centro de Ensino Médio do Núcleo Bandeirante
DF	Distrito Federal
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FE	Faculdade de Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PAS	Programa de Avaliação Seriada
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SEESP	Secretaria de Educação Especial
UnB	Universidade de Brasília
UTI	Unidade de tratamento ou terapia intensiva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
PARTE 1 MEMORIAL EDUCATIVO	13
1.1 Ensino Infantil	13
1.2 Ensino Fundamental	16
1.3 Ensino Médio	17
1.4 Ensino Superior	19
PARTE 2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL	21
2.1 Introdução	21
2.2 Referencial Teórico	22
2.2.1 O Papel do Pedagogo Hospitalar	23
2.2.2 A Importância da Ludicidade na Aprendizagem	27
2.3 Conclusões	30
PARTE 3 PRÁTICA NA UNIDADE VIVENCIADA	32
3.1 Introdução	32
3.2 Caracterização do Atendimento Educacional Hospitalar	33
3.3 Caracterização do Atendimento Pedagógico em Classe Hospitalar	34
3.4 Relato do Trabalho	34
3.5 Considerações	42
PARTE 4 PERSPECTIVAS FUTURAS	44
REFERÊNCIAS	45

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia foi desenvolvido em quatro partes, no primeiro momento irá apresentar um memorial educativo, onde compartilho minhas vivências descrevendo momentos educacionais da educação infantil ao ensino superior, e faço chegar a entender a escolha e a minha paixão pela a educação.

A segunda parte do texto apresentará uma pesquisa bibliográfica dividida em três etapas, a introdução relata sobre a importância da Pedagogia para a continuidade dos alunos enfermos no ensino e aprendizagem, afirma que é seu direito terem esse auxílio. O referencial teórico enfatiza a importância do papel do pedagogo hospitalar para a recuperação dessas crianças hospitalizadas e descreve como é sua atuação nesse ambiente. Aborda ainda um segundo tópico sobre a importância da ludicidade na aprendizagem e como o brincar ajuda no desenvolvimento cognitivo e social das crianças que estão passando por um momento de dor e tristeza, fazendo com que elas saiam um pouco daquela situação e mergulhem em suas imaginações e sonhos, auxiliando também na continuidade dos estudos.

A terceira parte mostrará a minha vivência como pedagoga hospitalar em um hospital que fica localizado aqui em Brasília, relatando a rotina de um pedagogo nesse ambiente que sai da sala de aula e como foi impactante essa experiência para minha formação como pedagoga.

A quarta parte descreverá minhas perspectivas para o futuro, meus sonhos e como vou alcançá-los. Finalizarei com as referências utilizadas ao longo da investigação.

PARTE 1 MEMORIAL EDUCATIVO

Ao me deparar com a situação de ter que relatar os meus momentos escolares até o presente foi de grande impacto por ter já vivido muitas experiências, mas também foi de grande apreço, pois este memorial relata e registra momentos que me fizeram e me construíram para educar e ser apaixonada pela educação.

Esses relatos são pontos interessantes na minha vida, pois contam caminhos traçados e percorridos para estar onde eu estou hoje. Neste memorial, descrevo minha vivência como aluna, no ambiente escolar, meus processos na educação e demonstro, através das minhas palavras, por meio de muita emoção esse caminho que foi trilhado por mim.

Sou Michelle de Oliveira Calixto, nasci dia 30 de dezembro em mil novecentos e noventa e oito na cidade de Luziânia, GO, onde fui criada até os seis anos. Meus pais tinham comércio na cidade e quando vendemos nos mudamos para Brasília onde eu moro até os dias de hoje. Tive uma infância muito divertida, brincava com meus irmãos, gostava de estar com a minha família e amigos e sempre tive muitas oportunidades de aprender, pois como a minha mãe não teve essa oportunidade de ensino quando era pequena, ela quis nos dar o que ela não teve. Além disso, eu fazia natação, balé e aula de inglês.

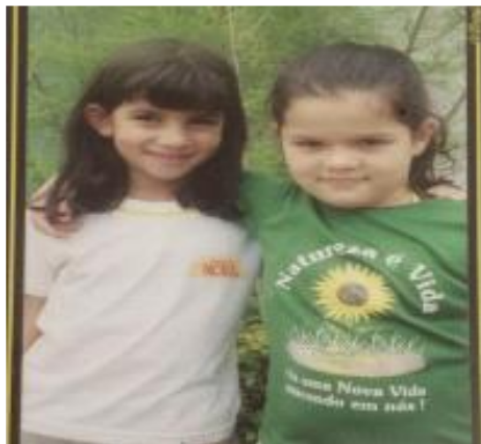
1.1 Ensino Infantil

Entre na escola tinha cinco anos de idade, à escola onde fui matriculada resolveu me avançar para o Jardim II. Meus pais me relatam que resolveram me matricular naquele respectivo colégio, pois meu irmão já havia estudado ali e eles gostavam bastante da metodologia, minha primeira interação com o meio tecnológico foi lá, onde desde pequena me ensinaram a como usar a tecnologia bem direcionada para os meus estudos e para aprofundar meus conhecimentos.

Minhas lembranças são muito recentes sobre o meu primeiro dia de aula, foi um dia bastante atípico, pois acordei cedo e sabia que era a primeira vez que iria ficar sem meus pais. Chegando lá, fui levada até minha respectiva turma, e não queria deixar minha mãe ir embora por nada, bateu aquele medinho de “nunca mais” ver a minha mãe, sendo assim, ela passou uma semana indo todos os dias comigo e com minha irmã gêmea até a

Lembro que a professora era bastante didática, fez de tudo para adaptar-nos ao ambiente escolar, até levou a gente para a piscina que havia no colégio, foi onde consegui interagir com a minha turma, foi muito divertido, não conhecia ninguém, mas sempre tinha minha irmã gêmea ao meu lado assim não ficava sozinha, mas conforme o tempo foi passando minha irmã arranhou novas amigas e com elas começou a ficar, e eu como sempre tão isolada fiquei sozinha durante um tempo, até que a filha da minha professora de artes entrou na escola, lembro como se fosse hoje, fiz minha primeira amizade no ambiente escolar, ali estava a Ana Luíza que foi minha primeira amiga, que com ela eu fazia tudo, passava meu tempo na escola brincando, aprendendo e se divertindo, e até hoje me lembro dela com muito carinho e apreço (Figura 1).

Figura 1 – Brincando com a Ana Luíza.



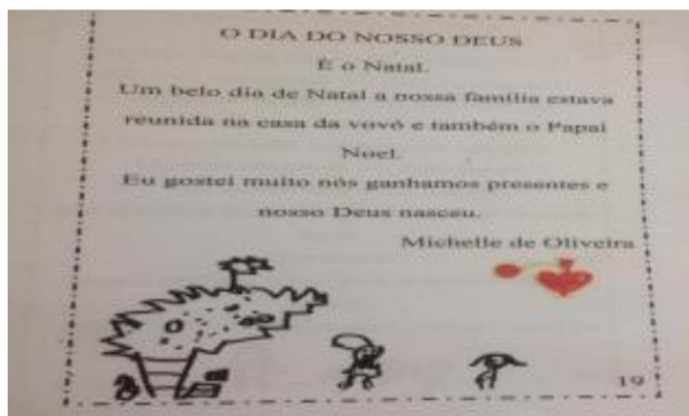
Fonte: Escola Nova Vida (2006).

Minha aprendizagem foi bastante significativa, pois antes de entrar na escola meus pais já vinham me ensinando a escrever e ler algumas palavrinhas. Não me lembro muito bem como foi meu processo de aprendizagem naquela época, meus pais relatam que aprendi a ler e a escrever um pouco antes de entrar na escola, também me lembro que minha professora trabalhava bastante com imagens e com os sons das letras e coisas que gostamos para chamar nossa atenção, hoje percebo que meu processo de alfabetização foi muito significativo, pois aprendi de uma forma bem didática que me fazia gostar de ir ao colégio.

A escola onde eu estudava era bem dinâmica, sempre tinha comemorações, lembro que no dia da natureza minha professora me escolheu para ser a fadinha do teatro que minha turma iria fazer, esse dia foi muito marcante, pois lembro que me senti a menina

mais bonita que tinha na escola, e não queria tirar aquela fantasia tão encantadora por nada. No natal, fizemos uma atividade onde tínhamos que escrever um texto sobre o que o Natal representava para nós, e eu tenho essas lembranças e recordações guardadas até hoje (Figura 2).

Figura 2 – Poema de Natal.



Fonte: Escola Nova Vida (2006).

Como em toda conclusão de etapas, vinha a formatura do ensino infantil, até hoje, meus pais guardam algumas fotos e poemas, daquele momento marcante. Minhas lembranças são das fotos que tiraram da turma toda, quando reuniram os alunos no jardim perto da piscina (Figura 3). Ainda guardo com muito carinho e afeto.

Figura 3 – Turma Jardim II.



Fonte: Escola Nova Vida (2006).

1.2 ENSINO FUNDAMENTAL

Em 2006, quando iria começar o meu ensino fundamental, foi um divisor de águas na minha vida, minha família se mudou para Brasília. Com essa mudança de cidade veio obviamente a nova escola. Como é difícil, essas adaptações, assim teria que fazer novos amigos e mudar a rotina. Meus pais me matricularam na escola que fica ao final da rua em que moro, assim ficaria mais fácil a locomoção da escola até em casa.

Minha primeira lembrança do ensino fundamental é a dificuldade de adaptação com a nova escola, isso acarretou no meu desempenho de aprendizagem, era muito difícil ter um rendimento escolar sem me adaptar à escola, então fui encaminhada a um psicopedagogo que me ajudou muito na época. Lembro que meu grande medo era a matemática, tinha dificuldades extremas e foi diagnosticado que não era porque não conseguia aprender a matemática, mas sim pelo medo e pressão que minha professora me fez na época, assim tomei trauma dos números. Com tanta novidade na minha vida, veio as consolidações e descobertas. Aperfeiçoe minha aprendizagem, a leitura, o psicossocial, as grandes descobertas das ciências, da história, entre outras coisas.

Meu ensino fundamental foi dividido em duas escolas: do primeiro ao quarto ano, e do quinto ao nono. Do primeiro ao quarto ano, que foi na Escola Classe 03, foi onde eu comecei a me descobrir melhor os meus gostos, e que foram se desenvolvendo durante o tempo, minhas lembranças são muito vagas durante esse tempo, mas me lembro de umas coisas que me marcaram muito nessa escola. Toda segunda-feira a professora fazia a fila indiana com a gente para levar para o pátio para cantar o hino nacional, direcionado para a bandeira do Brasil, uma vez por semana, tínhamos a recreação, onde podíamos levar o brinquedo que queríamos para brincar o dia todo, amava esse dia. Na época das festas juninas, natal, dia dos pais, mães etc., sempre meus professores ensaiavam a gente para homenagear com uma apresentação na qual a escola prestava para essas datas, sempre sentia uma ansiedade fora do normal, que até hoje lembro muito desse sentimento.

Assim que acabei meu quarto ano, fui para a Escola Classe 01, para lá levei os meus amigos, onde fizeram com que a minha adaptação fosse mais fácil, lá passei mais quatro anos da minha vida escolar. Tenho algumas lembranças muito especiais dessa escola, foi lá que comecei a ter mais responsabilidades com os meus estudos, pois, lá começaria a ter notas que deveriam ter uma média para passar de série, as matérias eram

divididas por cada professor em sua área específica, foi aí que descobri meu apreço por

17

aprender mais e ganhar mais conhecimento.

Conheci professores excelentes, que além de grandes educadores foram meus amigos, sempre me ajudando a optar pelo caminho do conhecimento, e decidir que a vida sem o estudo fica desordenada. Na escola onde tive meu primeiro namoradinho, lembro isso hoje em dia e morro de rir, pois era uma coisa tão inocente e tão bonitinha, jurava que era o amor da minha vida. Lembro da minha conclusão do ensino fundamental, que teve uma festinha muito divertida para concluir mais uma etapa.

1.3 Ensino Médio

Lembrar do meu ensino médio me traz muita emoção, pois o Centro de Ensino Médio do Núcleo Bandeirante (CEMNB) foi onde vivi os melhores momentos da minha vida. Eu posso classificar essa etapa em três palavras: DECISÃO, AMIZADES e FELICIDADE.

O ensino médio é o momento em que todos nós esperamos, para chegar logo na reta final, passei oito anos da minha vida estudando com a mesma turma, as mesmas pessoas, sempre tem aquela que sai e aquelas que entram, mas a base continuava a mesma, foram com essas pessoas que tornei todas as minhas manhãs mais felizes.

Minhas lembranças são muitas, mas algumas marcaram fortemente. Meu primeiro dia de aula foi bastante eufórico, pois tínhamos descoberto que nossa turma continuava a mesma do Ensino Fundamental.

A minha escola era focada para passar no vestibular, então minha aprendizagem foi voltada para as provas que me encaminharam para aquele momento tão aguardado por todos nós, fazíamos muitos simulados para nos ajudar na hora da avaliação. Passei momentos inesquecíveis no ensino médio, onde sempre havia no meio do ano a gincana e os jogos, que é um ritual que escola não deixava de seguir, conseguimos ganhar a gincana do primeiro e terceiro ano, foram épocas de muita diversão que vivemos.

Nosso professor de português nos preparou para fazer uma peça de final de ano, foi muito marcante, pois ela foi toda preparada por nós, e era o nosso último trabalho escolar, então me impactou muito (Figura 4). Intitulou-se O Inferno de Dante e tratava de uma releitura dos sofrimentos vividos aqui na terra, trazendo para os dias atuais e as necessidades e as precariedades que o nosso País vive, onde o poema escrito por nós

alunos foi o ponto chave da peça.

18

Figura 4 – Turma do Ensino Médio.



Fonte: Escola CEMNB (2016).

Meus amigos estavam comigo em todos os momentos, nas minhas decisões, nos meus estudos, na minha vida, e nossa amizade se fortaleceu mais ainda no ensino médio, quando, juntos, decidimos que ela ultrapassaria o ambiente escolar e o tempo presente. Sendo assim, aquela escola me ajudou a fazer amigos para todos os ambientes e para o futuro (Figura 5).

Figura 5 – Amigos do Ensino Médio.



Fonte: Escola CEMNB (2016).

Quando chegou a hora de se despedir do meio escolar, ao mesmo tempo que me senti realizada me senti triste, pois sabia que aqueles momentos não iriam voltar mais, minha colação foi bastante emocionante, chorei muito, meus professores prestaram homenagens para todos nós, e ali teria encerrado mais uma etapa, da minha vida (Figura 6). Com toda certeza, deixou muita saudade e tenho eterna gratidão, por todos aqueles que foram responsáveis por me ensinar que o caminho do conhecimento é o que tenho

que buscar pelo resto da minha vida, todos os puxões de orelha que já levei de cada professor, por cada amigo que está comigo até hoje me apoiando, por cada conselho. E, atualmente, eu sei que meus professores queriam meu melhor, a escola foi de suma importância para a minha formação como mulher e com o meu desenvolvimento psicológico e psicossocial, nunca irei esquecer de tudo o que vivi e que, como uma futura educadora, essa minha vivência escolar irá me ajudar não só a ensinar meus alunos, mas sim lhes apoiar e auxiliá-los a entender a vida.

Figura 6 – Formatura do Ensino Médio.



Fonte: Escola CEMNB (2016).

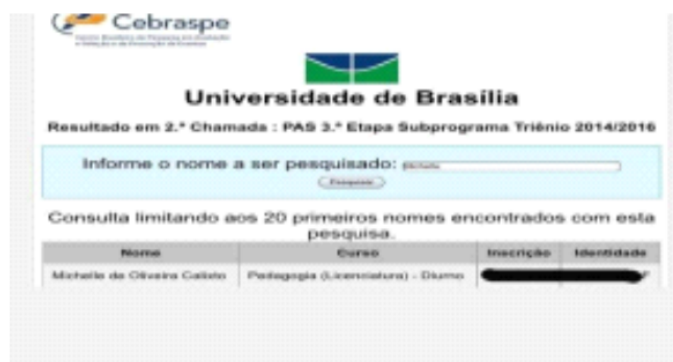
1.4 Ensino Superior

Entre na Universidade de Brasília por meio do Processo Seletivo de Avaliação Seriado (PAS), foi uma grande surpresa, pois não esperava, estudei muito, lutei muito para chegar onde estou hoje, quando recebi o resultado fiquei bastante eufórica, pois foi um sonho realizado (Figura 7).

No meu primeiro dia na universidade, fiquei bastante assustada, pois era um ambiente totalmente diferente para mim, mas fiquei tão encantada com a estrutura, com as pessoas, com tudo que minha adaptação foi bem rápida, peguei matérias onde consegui entender um pouco mais da Pedagogia e um pouco mais da universidade, passei alguns sufocos com professores complicados de lidar, mas creio que até isso me ajudou na adaptação da universidade. Ao decorrer dos semestres, lembro-me que foi bastante corrido, mas de grande aprendizagem, pois foi na universidade que me encontrei nesse belo curso, comecei a descobrir meu apreço pela educação especial e, creio, que é isso que me mantém na Pedagogia até hoje.

Minha experiência na universidade sempre foi muito agradável, pois aprendi o que é educação, como a Pedagogia pode mudar a vida das pessoas, educar é uma arte e hoje me sinto uma educadora completa, cheia de conhecimentos e sempre com a vontade de compartilhar com as outras pessoas e com sede de aprender cada dia mais.

Figura 7 – Aprovação na UnB.



Logo Cebraspe
Universidade de Brasília

Resultado em 2.ª Chamada : PAS 3.ª Etapa Subprograma Triênio 2014/2016

Informe o nome a ser pesquisado:

Consulta limitando aos 20 primeiros nomes encontrados com esta pesquisa.

Nome	Curso	Inscrição	Identidade
Michelle da Oliveira Calvão	Pedagogia (Licenciatura) - Diurno		

Fonte: Cebraspe (2017).

PARTE 2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

2.1 Introdução

A hospitalização de crianças no nosso País é uma realidade, desde os primórdios, cerca de um milhão de crianças são hospitalizadas com diversas doenças. Nesse contexto, a Pedagogia Hospitalar lutou para que houvesse um espaço de aprendizagem não só no ambiente escolar, mas em qualquer ambiente em que houvesse o interesse da parte do aluno e do pedagogo de aprender e ensinar.

Durante muito tempo, o único lugar que se ensinava era na escola, na segunda guerra mundial, a pedagogia hospitalar entrou em ação, veio como uma forma lúdica em hospitais, nesse sentido, buscou-se compreender o papel do pedagogo na classe hospitalar e sua dinâmica utilizada como um espaço de desenvolvimento de ensino e aprendizagem.

A Lei de Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia da LDB (BRASIL, 2006) mostra que o pedagogo tem múltiplas funções em diferentes espaços escolares e não escolares. Libânio (2002, p. 80) disse que os pedagogos atuam em “instâncias em que se dão as práticas educativas e [...] os campos em que lida com a comunicação e a internalização de saberes e modos de ação”.

No ambiente hospitalar, a aprendizagem de crianças que ficam muito tempo internadas acontece de uma forma lúdica, pois estão passando por uma fase difícil de suas vidas, a Pedagogia Hospitalar vem em forma de lazer/recreação para essas crianças. Além da alfabetização, entra em ação o pedagogo hospitalar, buscando amenizar um pouco da dor que cada criança sente utilizando a escuta sensível.

Este presente trabalho traz algumas dessas afirmações, visando a história da Pedagogia Hospitalar, buscando averiguar o processo de aprendizagem dessas crianças que são incapacitadas de irem até a escola, abordando a importância do pedagogo nesse espaço e mostrando a importância do uso da ludicidade no processo de continuação do ensino e aprendizagem dessas crianças.

2.2 Referencial Teórico

A Pedagogia Hospitalar tem como início em 1935 em Paris, quando Henri Sellier implantou a primeira escola para crianças doentes que não tinham condições de irem ao ambiente escolar, ampliando-se em toda a França, Alemanha, Europa, e Estados Unidos que na época tinha como objetivo principal ajudar as crianças que tinham tuberculose nas atividades escolares. Na segunda guerra mundial, marcada pelo grande número de crianças feridas, mutiladas que eram impossibilitadas de irem à escola, a pedagogia hospitalar teve um grande avanço.

No Brasil, a Pedagogia Hospitalar foi reconhecida em outubro de 1995 por meio da Resolução n. 41 inciso 9, o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”. Mas, antes disso, experiências pioneiras ocorreram, como relatou Schilke (2008, p. 16): “em 1960 o Hospital Barata Ribeiro, localizado no Rio de Janeiro, implementou aulas para crianças hospitalizadas”.

Em 2002, o Ministério da Educação escreveu um documento dizendo que “Dispõe sobre a implantação de atendimento educacional na Classe Hospitalar para crianças e adolescentes matriculados na Pré-Escola e no Ensino Fundamental, internados em hospitais”. Schilke (2008, p. 16) afirmou que:

Apenas em 2002 o Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Educação Especial, regulamenta esse tipo de trabalho com a publicação do documento intitulado “Classe Hospitalar e atendimentos pedagógicos domiciliar; estratégias e orientações.” Que tinha por objetivo estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares e domiciliares.

A Pedagogia Hospitalar veio enfatizando a filosofia humanística, de defender o direito de crianças e adolescentes à cidadania e o direito de pessoas que precisam de atendimentos especiais, visando o ser global e não somente as necessidades físicas e emocionais. A implantação da classe hospitalar pretende integrar crianças doentes no seu novo modo de vida num ambiente acolhedor e humanizado, oferecendo atividades lúdicas, recreativas e pedagógicas, mantendo as crianças em contato com a família e com as pessoas que lhes fazem bem, segundo Rodrigues (2012, p. 42) a Pedagogia no hospital “é um ramo da educação que proporciona à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais aliviada”. Um dos objetivos da classe hospitalar, é levar a criança um

pouco para a normalidade do seu dia a dia, como ir à escola.

23

Para cada aluno que frequenta as classes hospitalares por mais de três dias é realizada um contato com a escola em que o aluno estuda, as informações referentes aos conteúdos aplicados pelos pedagogos hospitalares são repassadas, se tiver uma alta hospitalar, será enviado um relatório apresentando as atividades pedagógicas realizadas pelo aluno, o seu desempenho, postura, comportamento e as dificuldades apresentadas pela criança.

Muitas dessas doenças fazem com que as crianças necessitem de 24 horas de atendimento médico fazendo com que a rotina da sua vida seja no hospital, e mudando hábitos que fazem parte do seu dia a dia, como ir à escola. Assim, a Pedagogia Hospitalar foi feita para que essas crianças que necessitam de um atendimento especial estejam inclusas no processo de aprendizagem escolar, sem perder partes importantes dele.

O processo de aprendizagem tem que ser de interesse tanto do aluno como do professor. Se esse interesse for mútuo, há aprendizagem, de acordo com Saviani (1991, p. 155): “um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social e global [...]”.

2.2.1 O Papel do Pedagogo Hospitalar

O pedagogo hospitalar desempenha um papel central na educação, pois visa estar com a criança ou jovem durante a internação nas instalações hospitalares durante as ausências à escola. O pedagogo é um dos principais agentes desse processo de aprendizagem que contribui também no processo psicopedagógico exercendo a escuta sensível e pedagógica. De acordo com Ceccim (2005, p. 123):

[...] o termo escuta provém da psicanálise e diferencia-se da audição. Enquanto a audição se refere à apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta se refere à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras as lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e posturas. A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, [mais do que isso] busca perscrutar os mundos interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade.

O professor da classe hospitalar devem inserir as crianças no ambiente que elas se encontram, para poder ajudar a dá continuidade no processo de aprendizagem, e proporcionar a elas atividades lúdicas para que haja a estimulação cognitiva que ajuda no seu processo de aprendizagem, atividades como brinquedos pedagógicos, jogos de

quebra-cabeça, tabuleiros, dominós de alfabetização, jogos de vídeo game, filmes em DVD com conteúdo de alfabetização, livros de história e didáticos, entre outros que irão contribuir no processo de aprendizagem da criança.

O pedagogo deve criar situações educativas não só voltadas para a escolarização da criança hospitalizada, mas também atender outras demandas que existam nesse ambiente, como as que estão presentes no meio afetivo, sentimental, social e que tragam um pouco de alegria e felicidade para as crianças, que podem ou não contribuir com o processo de recuperação daquela criança que vive no hospital. Kryminice e Cunha (2010, p. 179-180) acrescentaram:

Com o objetivo de promover a saúde mental integral do enfermo, busca-se por meio da realização de atividades lúdicas e educativas, preservar o lado saudável da criança e adolescente, durante o processo de hospitalização. Por estar em um ambiente desconhecido, existindo a dor, doenças e onde o convívio com familiares e amigos foi interrompido e/ou é restrito, a criança demonstra estar emocionalmente abalada, sem perspectivas, sendo necessário que se pense em um trabalho que explore seus sentimentos, angústias, estimule a alegria, a criatividade e o bom humor, fazendo-se sentir importante e capaz. Neste sentido, o trabalho com artes no ambiente hospitalar tem o objetivo de desenvolver um atendimento integrado entre todos os profissionais, trabalhando de maneira multidisciplinar.

A aula hospitalar da assistência para à criança ter uma experiência escolar, o professor pode construir um planejamento estruturado e flexível, que dê para ser adaptado em qualquer tipo de situação, o por isso dá importância desse pedagogo em ter uma escuta sensível e poder detectar e ter um segundo plano para as situações que a de vir. O ambiente de sala de aula do hospital deve ser um espaço pedagógico convidativo, alegre e aconchegante que faça com que a criança doente se desenvolva mental, espiritual e fisicamente.

A Pedagogia Hospitalar pode funcionar em enfermarias ou setores de recreação. Essa prática pedagógica suaviza o sofrimento, a angústia e a ansiedade de uma criança hospitalizada, o paciente tem o direito em seu cotidiano no hospital a terem atividades pedagógicas elaboradas por profissionais voltadas para a educação. Para Ortiz (1999), a sala de aula hospitalar é uma abordagem educativa ressignificada, como prioridade ao lado do cuidado terapêutico.

A Pedagogia Hospitalar é uma metodologia de educação especial onde tem o olhar voltado para a atuação do educador em ambiente hospitalar, atendendo crianças que temporariamente estão ausentes do ambiente escolar e necessitam de um atendimento

individualizada por motivo de doença. O papel do hospital é desenvolver alternativas e métodos adequados que permitam que os pacientes se beneficiem dos métodos de tratamento por um determinado período de tempo.

Este espaço de atuação do Pedagogo vem sendo estudado como uma nova visão de ensino, onde a educação é vista como existente fora de quatro paredes, ou seja, no ambiente escolar. A Pedagogia Hospitalar oportuniza às crianças que se ausentam por motivos de saúde darem continuidade em seu processo de adquirir conhecimentos, também auxilia nos distúrbios emocionais causados pela hospitalização, como raiva, insegurança, incapacidade e frustração, que podem dificultar a recuperação do paciente. A Pedagogia Hospitalar vem sendo um processo educacional alternativo, pois vai além dos métodos tradicionais da escola e busca formas de apoiar os alunos que se encontram como pacientes hospitalares (crianças e jovens) dentro da educação.

O processo de da continuidade ao ensino e a aprendizagem no ambiente hospitalar é um desafio para o pedagogo, pois quando se refere a doença muitas das vezes a indisposição do paciente dificulta a abordagem pedagógica, onde o principal objetivo é desenvolver um trabalho humano que olhe para o aluno não só como um educando, mas sim como uma pessoa que está passando por um momento difícil, colocando em prática a escuta sensível, e o pedagogo tem o papel de auxiliar o paciente com deficiência na escolarização, trazendo conhecimento e qualidade de vida ao paciente.

O princípio da educação hospitalar é o atendimento personalizado ao aluno, dando-o a devida atenção em que é trabalhada uma proposta pedagógica que contemple às necessidades, observando critérios que respeitem a patologia do paciente. No hospital, a criança está distante de seu dia a dia, da sua rotina, dos amigos, do brincar e da escola, comunicam-se apenas com os membros do hospital, enfermeiros, médicos e familiares.

O professor deve se adaptar à realidade que a criança está no hospital, como o espaço em que ele tem para passar as atividades educativas, lúdicas e recreativas; a quantidade de leitos no departamento infantil e a rotina de uso do espaço; o agendamento de um horário, observar qual é o momento propício para colocar em prática a elaboração de suas atividades. Ao implementar a aula no hospital, o pedagogo deve garantir a presença da brinquedoteca. Segundo Cunha (2001), que abordou a infância e a atividade de uma brinquedoteca, que se configura como um espaço de brincadeira, onde a criança brinca tranquilamente, sem cobrança e sem sentir que está perdendo tempo. Assim, o docente estimulará a confiança do aprendiz, sua valorização e o seu desenvolvimento

Além do papel do pedagogo ser de suma importância para a continuação do desenvolvimento de aprendizagem da criança, a presença dos pais ou responsáveis, integrados nas atividades correntes da classe hospitalar, será de grande valia. De acordo com Cunha (2001, p. 37):

As formas de convivência democrática favorecem a autonomia e estimulam o amadurecimento emocional. Neste espaço tão especial, a brinquedoteca, a criança pode descobrir novos tipos de relações entre as pessoas de forma prazerosa e enriquecedora (...).

O profissional deve usar de sua criatividade para utilizar dos espaços em que lhe é dado e assim poder apresentar propostas, sugerir atividades e materiais alternativos para a construção de jogos e brinquedos. Os espaços de aulas hospitalares têm, uma pedagogia que se caracteriza pela formação construtivista, onde o projeto pedagógico, a avaliação, o encontro e o contato das crianças e professores proporcionarão um local em que as crianças possam confeccionar seus trabalhos, um local para guardar seus lápis, livros, cadernos etc.

O ambiente deve ser lúdico e recreativo, é como se a criança pudesse entrar nos seu mundo de imaginações e ali se libertar do que as afligem, com as brincadeiras e jogos, mergulharem em seus sonhos e se abstraiem de seus medos, sentimentos e pensamentos ruins, onde pode-se perceber a ajuda da pedagogia hospitalar na recuperação dos pacientes. O pedagogo hospitalar, tem que ter uma influência terapêutica, ajudando a criança no seu estado de saúde, na continuação de manter o processo de criatividade do paciente, mantendo sempre a autoestima e expressão de alegria da criança, tendo contato com os familiares do paciente, diminuindo os obstáculos e preconceitos da doença e do tratamento hospitalar e demonstrar esperança para que as crianças continuem alimentando seus sonhos.

Uma das propostas usadas é a aplicação de atividades nas áreas da linguagem (contar histórias, questionamentos, observação de figuras, aprender por meio de brincadeiras), esses exercícios podem ajudar na prática humanizada no atendimento escola/hospital, que pode ser muito dolorosa, superando os obstáculos impostos pelas doenças, pelo contrário, é lucro, aprendizado e desenvolvimento. E as classes hospitalares podem ter esse mérito (FONSECA; CECCIM, 1999).

O uso da tecnologia pode ajudar o pedagogo na relação da realização das

os materiais pedagógicos de preferência de acordo com ajuda de custo oferecida pelo o hospital deve ser materiais manuseados e locomovidos facilmente usando teclados de computador adaptados, porta-canetas, software educativo, vídeos educativos etc.

2.2.2 A Importância da Ludicidade na Aprendizagem de uma Criança Hospitalizada

Luckesi (2014) relatou que a ludicidade é compreendida no cotidiano como “atividades lúdicas” como as brincadeiras infantis, e que é um conjunto de experiências vividas no cotidiano de cada pessoa, sendo criança, adulto ou um idoso. É importante ressaltar que brincar é uma ação em que está presente na vida dos seres humanos desde os primórdios, pois o homem é um agente cultural.

Para a criança, o brincar tem um papel de suma importância para o seu desenvolvimento infantil, colocando em pauta a construção de conhecimentos. Através da brincadeira, a criança coloca em prática as suas ideias, pensamentos, alegrias, tristezas, frustrações; além disso, amplia seu contexto sociocultural, visto que ela é capaz de criar e recriar através da brincadeira no seu cotidiano.

Na Pedagogia Hospitalar a ludicidade é uma parte chave para a execução do trabalho, as atividades desenvolvidas na brinquedoteca e nos leitos hospitalares devem ser sempre acompanhadas por um pedagogo do hospital. Na prática das atividades, a criança vai muito além da imaginação, quando usa o brincar como forma de aprender, ela realmente aprende brincando. Mas também não pode ser visto só como um momento de tempo livre, é uma forma de desenvolver, entre outras coisas, o raciocínio, a memória, a lateralidade e a criatividade.

Para Vigotski (1991) as atividades lúdicas têm o papel de facilitar o desenvolvimento integral da criança, o progresso de cada uma das funções psicológicas, morais e intelectuais.

Um fato em que chama muito atenção relatado por Vigotski é sobre a relação da criança e o brinquedo e o ambiente em que ela está sendo inserida, ou seja, é importante o professor ter uma percepção sobre a faixa etária de cada aluno, pois o brinquedo é interessante para a criança de dois a quatro anos de idade e deixa de ser interessante para as crianças maiores, onde é importante conhecer e compreender o caráter e as necessidades de cada criança e de acordo com sua idade podermos entender a

O Pedagogo Hospitalar deve conhecer a faixa etária de cada paciente e até mesmo algumas características, para que assim possa montar um plano de aula e desenvolver atividades de acordo com a necessidade de cada criança.

O contato com o lúdico no hospital, contribui para que a criança continue sendo criança, mesmo com tantas mudanças no seu dia a dia, mostrando a importância da Pedagogia Hospitalar nesse ambiente, onde ela vem sendo um dos maiores contribuidores na recuperação dos enfermos, ajudando-os a partir da prática a adquirir novos conhecimentos e mantê-los próximos do mundo e das coisas comuns que acontecem fora do ambiente hospitalar.

O brincar é considerado um fator que proporciona saúde mental para as crianças, e as atividades lúdicas envolvem os enfermos em um mundo em que eles são capazes de aprender, terem ideias, expressar sentimentos, se relacionar, ter motivações e sonhos. Sendo assim,

[...] para a criança doente o lúdico tem três funções diferentes: recreativa, terapêutica e educacional. A primeira refere-se a brincar como momento de diversão, seria o brincar livremente; a função terapêutica estaria relacionada com o desenvolvimento neuromotor, social e emocional; por fim, a educacional representaria o ensino-aprendizagem (NOVAES apud CARDOSO, 2011, p. 55).

A brincadeira faz com que a ansiedade e o medo sejam menores, pois ao vivenciarem momentos de alegria e felicidade, as crianças conseguem se sentirem mais seguras e isso contribui para o processo de aceitação da internação e da continuidade ao tratamento terapêutico, assim como afirmou Cardoso (2011, p. 57): “A ludicidade, com sua característica encantadora e benéfica para o desenvolvimento infantil, além de contribuir para o ensino-aprendizagem, cria um ambiente aconchegante e alegre no hospital”.

Godoi (2008) relatou sobre a importância da brinquedoteca como espaço de humanização para os enfermos. A importância das brinquedotecas nos hospitais é indispensável, e seu uso integral deve ser obrigatório, pois muitos hospitais as possuem as classes hospitalares, mas não as utilizam adequadamente, por falta de recursos ou falta de interesse. A presença de contadores de histórias, as visitas de palhaços ou artistas, como os Doutores da Alegria, e até o uso de animais como aditivos no tratamento têm se mostrado muito úteis e humanizam um ambiente muito agressivo para eles (GODOI, 2008).

Quando uma criança está inserida em um ambiente lúdico seja na brinquedoteca ou na internação, ela aprende brincando. Muitos hospitais têm, mas não usam e acabam se tornando uma sala fechada e abandonada. "[...] o objetivo da brinquedoteca do hospital é tornar o ambiente mais feliz e menos traumático, o que promove melhores condições para a recuperação da criança" (ELMESCANY, 2006 apud BRITO; PERINOTTO, 2014, p. 299).

A Pedagogia Hospitalar contribui no desenvolvimento do “eu” da criança, ajuda momentos ruins e de sofrimento se transformarem em momentos de alegria e distração, faz com as crianças se sintam confortáveis e aumentem sua autoestima, esquecendo pelo menos por um momento da dor em que estão passando e é estimulada a da continuidade nos seus estudos, tendo uma perspectiva de futuro e realização de seus sonhos. A criança esquece momentaneamente todo o sofrimento que vive e volta a ser apenas uma "criança" onde o mundo da brincadeira se torna seu real momento de felicidade e de aprendizagem.

É de suma importância, que o ambiente hospitalar de ensino tenha piso emborrachado e a beira dos moveis arredondadas para que não aconteça futuros acidentes com os pacientes. É importante que seja um local colorido onde o pedagogo possa usar sua criatividade. É preciso cuidar da higiene do local e dos brinquedos e tomar todas as precauções para evitar possível infecção hospitalar.

Embora a lei estabeleça que toda criança ou jovem em tratamento hospitalar tem o direito de receber um pedagogo hospitalar para que possa continuar sua aprendizagem, na realidade isso não acontece. No Brasil, o assunto não é divulgado e poucas pessoas têm acesso a essas informações.

As pesquisas feitas sobre o assunto é escassa e é uma área para a qual são necessários maiores investimentos. Não há pedagogos hospitalares nas cidades do interior, então as crianças no hospital não são supervisionadas e só têm os cuidados da equipe do hospital. Depois de receber alta do hospital, eles ficam para trás no aprendizado escolar e muitas vezes pulam um ano de escola ou abandonam a escola.

Países como França e Estados Unidos estão à frente do Brasil em Pedagogia Hospitalar porque têm uma estrutura econômica mais desenvolvida, iniciaram a proposta há mais tempo, investem fortemente em saúde e educação, o que proporciona uma melhor infraestrutura física e profissional.

2.3 Conclusões

Muito se tem falado sobre os novos ambientes em que o professor pode atuar fora da sala de aula, como a educação especial, gestão escolar, pedagogia empresarial, orientação escolar. Além desses, o pedagogo tem conquistado seu espaço em diversos locais de atuação, por exemplo, em um hospital. Vemos que a Pedagogia Hospitalar não é um tema recorrente nos círculos de discussão, muito menos nos meios digitais. Muitos nem sabem desse campo da pedagogia ou dos direitos que uma pessoa tem se for internada.

O hospital não se refere ao ambiente escolar, devendo-se considerar como é difícil para uma criança ficar internada lá, longe da família, amigos, escola, rotinas diárias. O fato de o professor estar ali para apoiar a criança, não só na escola, mas também mentalmente, de modo que se torna algo muito importante, pois o Pedagogo também atua como psicólogo que auxilia o aluno e sua família.

Há pacientes que ficam internados por semanas ou até meses durante o longo processo de tratamento, e o papel do professor é dar a ajuda necessária para que o aluno não perca as atividades escolares. A rotina hospitalar não significa uma vida fácil para o aluno, e ao realizar as atividades escolares com o apoio do professor, o aluno não se sente esquecido pelos outros, enquanto estuda tem a oportunidade de se distrair e mudar o foco de dor, dificuldade e sofrimento que o ambiente traz.

Esse modelo de ensino de construção de aprendizagem com o suporte do lúdico nos impulsiona a perceber que a criança está inserida em qualquer instância social, que seja a escola ou em qualquer outro ambiente que é propício a educação, onde é preciso ser tratado uma linguagem comum entre os profissionais, como a ligação entre saúde e educação, para que haja um bem comum para todos, sendo assim protagonistas de uma nova sociedade.

A metodologia utilizada pela Pedagogia Hospitalar com acesso ao lúdico comprova sua importância para o desenvolvimento da criança, nos aspectos psíquicos, cognitivos, sentimentais, sociais e na construção do “eu” do paciente, pois contribui significativamente para a intelectualidade da criança e é de suma importância no ambiente hospitalar, tendo em vista o momento em que a criança está vivendo, e para que ela não perca uma fase importante de sua vida, que é a construção de seus conhecimentos.

Nesse contexto, é necessário que tenha um profissional da educação que vise a

juntamente com os profissionais da saúde que necessitam absurdamente do Pedagogo Hospitalar para a recuperação do paciente, porém é preciso reconhecer a escassez de profissionais e espaços hospitalares que tenham disponibilidade para esse atendimento, muito embora seja direito da criança em ter esse espaço no ambiente hospitalar, pois ela tem direito a da continuidade aos seus estudos, isso não vem acontecendo.

Portanto, a contribuição frente essa temática cabe suscitar reflexões e questionamentos sobre os diferentes espaços que a criança tem direito a educação e se esses espaços estão sendo reconhecidos pela sociedade, mostrando a importância do professor em qualquer ambiente escolar ou não, revelando como o lúdico no hospital é uma ferramenta capaz de modificar situações desgastáveis que provem do processo de internação, uma vez que propõe cuidar e educar de modo integrado, comprovando assim que a educação e a saúde estão sempre ligadas uma na outra.

PARTE 3 PRÁTICA NA UNIDADE VIVENCIADA

3.1 INTRODUÇÃO

Esta parte do trabalho mostrará através de vivências como é o dia a dia de um pedagogo no ambiente hospitalar, relatando como é de suma importância na área da educação, pois todas as crianças têm o direito ao ensino e aprendizagem, no Brasil a legislação reconheceu através do Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado através da resolução n. 41 de outubro de 1995 inciso 9, [...] a criança tem o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995).

As pesquisas mostram que os anos iniciais e o ensino fundamental são as fases em que há mais facilidade de aprendizagem por parte das crianças. Entretanto, na vida de alguns jovens é diferente, pois precisam, muitas vezes, ficarem imersos ao ambiente externo - sem ser o hospital – e perdem, assim, parte desse processo de alfabetização. Por isso, é muito importante que nessa fase desgastante, haja um período de atendimento educacional que foi garantido pela Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de setembro de 2001, que instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, em sua Resolução n. 2/2001 artigo 13, que assegura ao aluno hospitalizado:

Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio (BRASIL, 2001).

Um dos maiores fatores de importância dessa vivência é mostrar como a Pedagogia Hospitalar é importante nesse processo que a criança internada está passando, e muitas das vezes os hospitais e institutos não compreendem a importância do Pedagogo Hospitalar, que são desconhecidos nesse ambiente, porém a Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu art. 206 reforça que “A Educação é um direito de todos, é dever do Estado e da família, deverá ter o apoio da sociedade, visando o desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercer a cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Logo, essas vivências esclarecem os direitos que os alunos pacientes têm à educação, seja em qualquer ambiente, escolar ou não escolar, visando o processo de aprendizagem das crianças atendidas em um hospital localizado em Brasília.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR

O hospital em que foi realizada a vivência era um local de referência para as crianças em Brasília, inaugurado em 23 de novembro de 2011, o Hospital realizou mais de três milhões e 29 mil atendimentos em sete anos.

Dentre eles, destacava-se a realização de mais de um milhão e 810 mil exames laboratoriais e de 487 mil consultas. Realizou ainda, mais de 72 mil diárias (29.631 internações e 43.317 hospital-dia), 45 mil sessões de quimioterapia, 20 mil transfusões, nove mil cirurgias ambulatoriais, 15 mil ecos cardiogramas, 39 mil raios X, 22 mil tomografias, 30 mil ultrassons etc.

Localizado na Asa Norte, ele tinha como missão atender crianças com diversos tipos de doenças e como valores a ética, comprometimento, competência, solidariedade, trabalho em equipe e humildade. A estrutura física do hospital é composta por dois blocos: Bloco I é composto por 30 consultórios médicos e 18 leitos de internação, projetado para oferecer um ambiente humanizado e adequado para a faixa etária atendida, o tema para a ambientação do espaço é “uma viagem de trem pelos biomas do Brasil.” O Bloco II ainda não está pronto, porém terá 220 leitos (167 para internação clínica, cirúrgica, oncológica, cuidados paliativos e pós- transplantes; 38 para UTI pediátrica; e 15 semi-intensivas) centro cirúrgico com 04 salas, centro de diagnóstico, centro de ensino e pesquisa, hemodiálise, hemoterapia, quimioterapia e serviço de imagem.

A rotina do hospital pelo o que foi relatado tem dois meios de serem observados, esses dois meios são a internação e o ambiente interno do hospital. As principais doenças encontradas no hospital foram a leucemia que é um câncer que ocorre na formação das células sanguíneas, dificultando a capacidade do organismo de combater infecções, anemia que é a condição em que o sangue não tem uma quantidade suficiente de glóbulos vermelhos saudáveis.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DO ATENDIMENTO PEDAGÓGICO EM CLASSE HOSPITALAR

A proposta do projeto é levar o atendimento pedagógico para crianças hospitalizadas em um hospital especializado nesse atendimento em Brasília e com essa atividade desenvolver e implantar o que foi ensinado em sala de aula. As crianças internadas têm por direito dar continuação em seu processo de ensino e aprendizagem, o projeto tem como função levar alunos do curso de Pedagogia para desenvolver o papel do pedagogo nesse espaço hospitalar.

Freitas (2005, p. 135 apud CASTRO, 2009, p. 47) relatou que:

O papel da educação no hospital e, com ela, o do professor, é propiciar a criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, ressignificando não somente a ele, como a própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida. A escuta pedagógica surge, assim, como uma metodologia educativa própria do que chamamos pedagogia hospitalar. Seu objetivo é acolher a ansiedade e as dúvidas da criança hospitalizada, criar situações coletivas de reflexão sobre elas, construindo novos conhecimentos que contribuam para uma nova compreensão de sua existência, possibilitando a melhora do seu quadro clínico.

Esses fundamentos foram desenvolvidos nesse espaço que o hospital nos oportunizou de estar, onde podíamos contemplar não só como um hospital, mas também como um ambiente em que as crianças pudessem prosseguir com seus estudos com a ajuda das atividades organizadas pela a equipe de estudantes que ajudaram no desenvolvimento de cada uma das crianças que ali estavam. Atividades pedagógicas e sempre trabalhando com o lúdico, pois a criança que estavam ali precisavam de um momento de distração e o pedagogo hospitalar trabalha com isso, com atividades pedagógicas lúdicas que proporcionam momentos de felicidades e aprendizagem para as crianças.

3.4 RELATO DO TRABALHO

No primeiro dia de estágio, a nossa orientadora Amaralina nos levou para conhecermos o local em que iríamos trabalhar e colocar em prática tudo aquilo que aprendemos em sala de aula, me recorde que estava empolgada e ansiosa para dar andamento no projeto, encontramos com a coordenadora pedagógica que foi quem nos

observou e quem acompanhou nosso processo no hospital.

35

A coordenadora nos contou como realizaríamos o projeto, como o hospital funciona e como ficaria nosso dia a dia ali, logo em seguida podemos conhecer a estrutura do local, onde observei que era um hospital totalmente diferenciado dos outros, pois apesar de ser um hospital público, ele era totalmente completo e bem estruturado, pois ali eram recebidas muitas doações do meio externo.

No meu primeiro dia de estágio às 14h00, fui para a minha primeira vivência no ambiente Hospitalar; chegando lá, ficamos cientes das atividades que iríamos realizar. Fui designada a acompanhar a professora, que é uma pedagoga aposentada, voluntária do hospital; neste dia, a pedagoga que é a responsável pela a internação não estava presente.

Por ser minha primeira experiência no âmbito hospitalar, observei mais como a voluntária trabalhava. Passei nos leitos e consegui com que dois alunos saíssem para brincar e terem um acompanhamento pedagógico comigo. Entre esses dois alunos, havia o Jonathan, de 15 anos, que parou de estudar por conta de sua doença. Observei que ele tinha o quadro clínico bem delicado, com leucemia, que é um câncer que ocorre na formação das células sanguíneas, dificultando a capacidade do organismo de combater infecções. Ao fazer a intervenção pedagógica com Jonathan, percebi sua dificuldade na escrita de seu nome e na leitura do exercício que apliquei para ele. Ao perceber isso, vi que tinha que trabalhar com o lúdico com esse paciente, então pegamos um brinquedo que tinha que usar da lógica e da estratégia. Ele reagiu muito bem com o jogo, porém, teve que ir para o leito tomar sua medicação. Nessa primeira vivência, notei que precisava ter a confiança deles para poder evoluir com as atividades, e vi como o lúdico me ajudou nessa intervenção.

Meu segundo aluno, neste dia, foi o Kauã, que tinha 14 anos de idade, estava no 9º ano do Ensino Fundamental. Ao conversar com sua mãe, ela me relatou que ele tinha anemia profunda, e que estava se sentindo muito cansado. Ao conversar com Kauã, consegui com que ele fosse para o espaço pedagógico comigo, perguntei a ele o que mais gostava de fazer na escola, ele me relatou que adorava matemática e que estava com saudades das atividades e dos seus coleguinhas. Ao perceber que ele gostava muito dos cálculos, passei uma atividade em que dei um folheto de preço das mercadorias de um mercado para ele calcular até dar o preço estimado de noventa reais, ele adorou a atividade e percebi que era um menino muito inteligente.

No meu primeiro dia de estágio, percebi o quanto foi difícil as crianças da internação quererem ou saírem para fazer a atividade pedagógica ou até mesmo para

ajudou a perceber isso para não ser invasiva no processo que as crianças estavam passando.

No dia seguinte, às 8h00 da manhã, voltei para a internação, passei nos leitos para fazer a intervenção pedagógica e percebi que os pacientes estavam recebendo procedimentos médicos, e eu tinha que esperar acabar esses procedimentos para atuar. Passei no leito do Kauã e do Jonathan, que foram as primeiras crianças que tive contato como estagiária em Pedagogia Hospitalar, porém, eles estavam indispostos para brincar.

Ao seguir com a rotina imposta, fui para o leito da Lis, que tinha 1 ano e 7 meses de idade. Para entrar no seu quarto, era preciso utilizar luvas, capote e máscara, pois ela estava na precaução. Ao conversar com os parentes, notei que a família veio do Acre para fazer tratamento de leucemia no neném. A paciente é portadora de síndrome de Down, que é uma doença genética do cromossomo 21 que causa atrasos de desenvolvimento e intelectuais, porém, ao fazer a intervenção com a paciente, observei que ela era muito estimulada pela mãe, levei brinquedos de encaixe para trabalhar com sua coordenação motora e colocamos música, pois ela amava dançar e bater palmas (Figura 8).

Figura 8 – Brinquedo Pedagógico.



Fonte: Aluna de Pedagogia (2018).

Conheci o Leo, que estava internado ali por alguns dias, esperando transplante de medula. Ao entrar no quarto tivemos que fazer os procedimentos de colocar as luvas, o capote e a máscara, pois Leo estava na precaução. Conversando com Leo, percebi que ele estava aberto para brincar, ele nos relatou que veio da Bahia e que parou no 2º ano do

ensino fundamental que gostava de estudar português e matemática, porém teve que parar de estudar por conta de sua doença. Ao fazer a intervenção pedagógica com ele, fizemos a leitura do livro *Corrida dos Caracóis*, e depois de ler dei uma atividade onde ele deveria desenhar como seria o seu caracol, pintá-lo e enfeitá-lo com colagens, foi uma atividade divertida e o Leo adorou a história e podemos trabalhar com sua imaginação e com sua coordenação motora (Figura 9).

Figura 9 – Atendimento Pedagógico ao Leo.



Fonte: Aluna de Pedagogia (2018).

Após acabar a atividade com o Leo, fomos para o espaço pedagógico da internação, brincar com as crianças que ali estavam, brincamos de jogo da memória e tribo das palavras, foi bastante interessante, pois foi a primeira vez que tinha visto as crianças animadas, brincando e se divertindo e esquecendo do sofrimento em que estavam passando. Através dos jogos, podemos fazer a intervenção pedagógica, pois o jogo da memória colocou em prática o raciocínio das crianças e o jogo tribo das palavras se joga correlacionando as palavras com o espaço indicado (Figura 10).

Podemos notar como o lúdico influencia no processo de ensino e aprendizagem e como a educação ajuda essas crianças que estão em uma situação totalmente desconfortável, fora do seu ambiente de acolhimento que é o seu lar, sem seus familiares, e que, muitas vezes, estão sentindo dor, desligam um pouco daquele ambiente que é tão triste e vão aprender através da ludicidade e dos profissionais que são preparados para dar

Figura 10 – Atendimento Pedagógico com as crianças.



Fonte: Aluna de Pedagogia (2018).

Em outro dia de vivência, ao chegar no hospital, fui encaminhada para a Brinquedoteca Pampa. Antes de ir, foi passado como era a rotina e como se dividia o espaço. Eram duas brinquedotecas no espaço interno do hospital: as brinquedotecas Pampa e a Pantanal. Em cada brinquedoteca, havia uma pedagoga; minha função ali era brincar com as crianças e ficar com elas enquanto esperavam a consulta. Ao chegar no espaço, tínhamos que organizá-lo, pois tudo tinha que ser tirado do lugar para que fazer a higienização. Ao sair da internação e ir para a brinquedoteca, percebi que era um espaço totalmente diferente, pois muitas crianças só queriam brincar e jogar, crianças que entravam e saíam a todo momento (Figura 11).

A primeira criança que eu conheci naquele espaço e tive a oportunidade de fazer a intervenção pedagógica foi a Kauane, de 8 anos de idade, que tinha ido fazer uma consulta com a dentista. Ela relatou que estava no 3º ano do ensino fundamental, o que ela mais gostava de estudar era história, nós jogamos um quebra cabeça de 60 peças, onde pude fazer a intervenção pedagógica, ajudando-a a utilizar sua lógica para montar a figura. Como na brinquedoteca não para de ter crianças em nenhum momento, entrou um grupo de crianças muito extenso, que reunimos em grupos e utilizamos o jogo mesada, onde observei que explorava por extenso a matemática, os alunos tinham como objetivo administrar seu próprio dinheiro, percebi que algumas crianças tinham muitas dificuldades em calcular, ajudamos as crianças a construir e administrar o dinheiro que tinha, através do lúdico pedagógico.

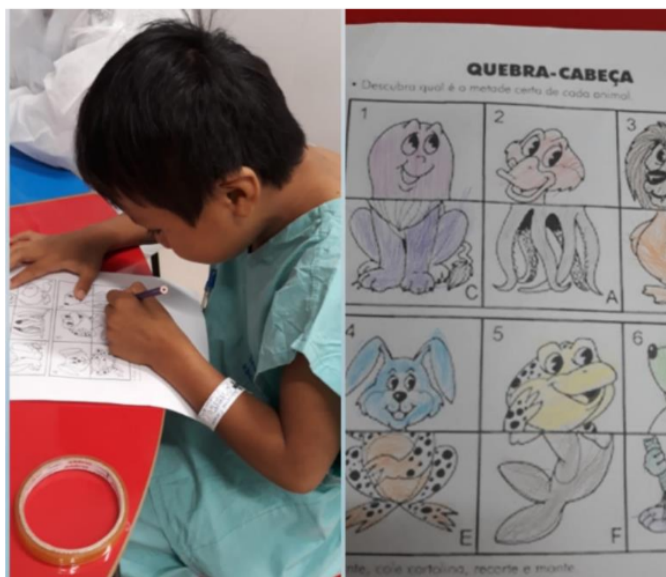
Figura 11 – Brinquedoteca.



Fonte: Aluna de Pedagogia (2018).

Em uma manhã de estágio, fui designada para ir à internação; ao passar nos leitos, cumprindo a rotina, observei que tinha pacientes novos e um deles foi o Adriano de 7 anos de idade que veio de Roraima para ser atendido no Hospital aqui de Brasília, ele estava na precaução, não ficamos sabendo qual era sua doença, pois seu pai não sabia pronunciar o português direito, porque eles são de uma tribo indígena. Percebemos que o aluno sabia pronunciar a língua portuguesa, diferentemente do seu pai, ao perguntar para o aluno como eram os estudos dele, ele nos relatou que estudava na tribo que fazia parte, e que o professor dele ensinava o português, percebemos que muitas palavras ele não sabia o significado ou não sabia pronunciar. A criança relatou que gostava muito dos animais e que gostava de brincar com eles, a intervenção pedagógica realizada com esse aluno foi um quebra cabeça dos animais, onde ele realizou a pintura e depois encaixou cada parte do corpo dos animais com as peças exatas, onde podemos perceber o como ele ficou aliviado de poder se comunicar conosco (Figura 12).

Figura 12 – Atendimento Pedagógico com o Adriano.



Fonte: Aluna de Pedagogia (2018).

Neste dia, voltei a fazer a intervenção pedagógica com o Adriano, no leito, lemos a historinha “corrida dos caracóis”. Depois, ele teve que fazer uma interpretação do texto, e fazer a atividade de pintura e colagem, pedi para ele escrever o seu nome e a sua idade e falar cada letrinha do alfabeto e os números de 1 a 10. Ao perceber que ele não sabia todas as letras do alfabeto e os números, escrevi as letras e os números e ele teve que escrever embaixo e repetir em voz alta cada letrinha e cada número. Foi bastante interessante essa atividade, pois ajudei o aluno a retomar o que muito tempo ele não fazia, pude perceber tanto o interesse dele de aprender quanto o meu de ensinar. Foi bastante recíproco, pois os pacientes que estavam ali sentiam muitas dificuldades e por sentirem essas dificuldades ficavam recuados quando chegavam nos leitos, e esse aluno foi bastante diferente (Figura 13).

Em seguida, acompanhei o Mateus, de 10 anos, que havia ido ao hospital fazer consulta com a nutricionista, ele estava bem quieto escrevendo, quando perguntei se queria ajuda; ele me falou que estava fazendo dever de casa, um dever era de matemática, assim comecei a ajudá-lo; era uma atividade de multiplicação. Percebi que ele tinha muita dificuldade de multiplicar, foi aí que utilizei o brinquedo como um instrumento de aprendizagem, peguei o jogo da Pizza, e fui multiplicando com ele cada pedaço da pizza e jogando ao mesmo tempo. Ao terminarmos o exercício, Mateus disse que tinha entendido mais sobre multiplicação e que ia praticar mais em casa

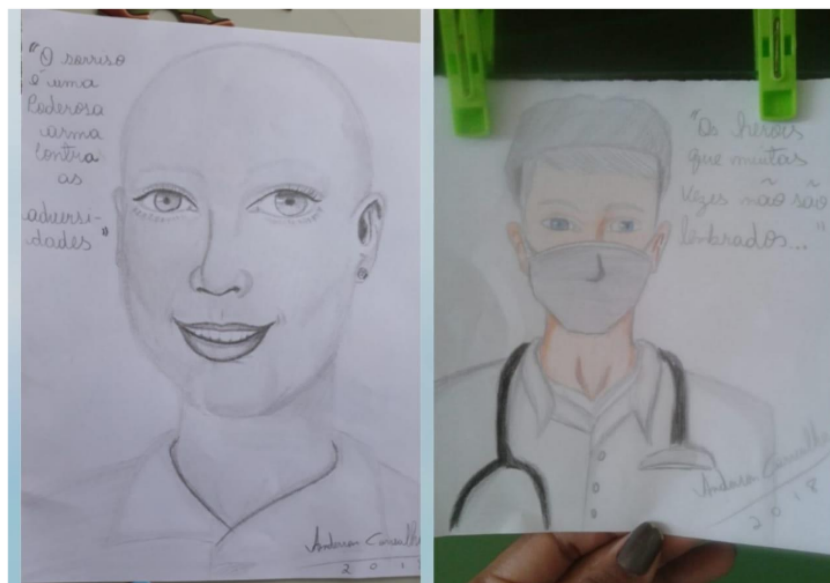
Figura 13 – Classe Hospitalar.



Fonte: Aluna de Pedagogia (2018).

No último dia de estágio, tivemos a presença de uma professora da UnB, ela compareceu na brinquedoteca para contar história para as crianças, o nome da história era “Estrela encantada” em que relatava sobre o mundo das fadas, tendo como o objetivo falar para as crianças sobre a solidariedade e o amor pelo próximo, as crianças ficaram encantadas com a história, gostaram bastante. Depois desse conto, fizemos atividades com eles de quebra cabeça, onde utilizamos do raciocínio lógico. O paciente Anderson de 14 anos de idade, que foi fazer uma consulta no hospital, pediu para desenhar, ele desenhou desenhos encantadores, que nos deixou de boca aberto, foi aí que descobrimos que a direção do hospital quer que os desenhos dele virem exposição no hospital, para demonstrar o seu talento artístico (Figura 14). Em seguida fizemos a intervenção pedagógica com a Samanta de 10 anos, ela nos relatou que teria consulta com a psicóloga, ao perceber minha conversa com a Sabrina, a mãe dela me relatou que a criança teria bipolaridade, por isso ela teria consultas constantes com a psicóloga, Sabrina pediu para desenha e pintar, enquanto ela desenhava e pintava, conversamos sobre sua escola e suas atividades, ela me relatou que gostava de matemática e geografia e que sentia dificuldades de fazer amizades no âmbito escolar.

Figura 14 – Desenho.



Fonte: Aluna de Pedagogia (2018).

3.5 Considerações

Portanto, relatei situações vivenciadas no hospital, onde as alunas aprenderam e colocaram em prática como é a vivência de um pedagogo hospitalar. Em muitas das vezes, observei que o pedagogo que desenvolve seu trabalho no ambiente hospitalar tem uma importante função na sociedade, é uma nova atuação em um espaço diferente, por isso deve ter clareza do seu trabalho que envolve muitos cuidados, pois os pacientes no processo de aprendizagem necessitam de muita atenção e compreensão.

Nesse processo, vieram as dificuldades, pois percebi o quanto era difícil desempenhar esse papel, talvez por ser a primeira experiência no âmbito hospitalar, as responsabilidades apareceram, como o convencimento de fazer com que as crianças e os adolescentes que estão ali queiram brincar ou até mesmo conversar. Observei que precisam de muito apoio tanto físico quanto emocional e, de certa forma, nós podemos contribuir para que a melhora destes pacientes seja satisfatória, pois tivemos essa confirmação com as atividades e brincadeiras, que muitas das vezes eram difíceis de serem realizadas. Observei, ainda, que ajudávamos a aliviar suas ansiedades através das práticas pedagógicas voltadas para elas e envolvendo a família, que é muito importante neste processo de cura e recuperação. Percebi que a Pedagogia Hospitalar dá suporte ao desenvolvimento de aprendizagem do aluno no hospital, garantindo o direito das crianças

e dos adolescentes dar continuidade aos seus estudos, motivando-os a continuar depois de sua alta do hospital.

Ao vivenciar a prática do pedagogo hospitalar e ter dado a conclusão neste projeto, posso relatar que muitas das vezes não foi fácil, pois lidamos com crianças enfermas, que precisam de afeto e carinho, mas, ao mesmo tempo que enfrentamos dificuldades de realizar o trabalho por diferentes situações em que o ambiente hospitalar nos permitiu vivenciar, percebi que o hospital tem uma rotina que deve ser seguida todos os dias e tive que me adaptar a essa rotina. Por outro lado, a situação das crianças, cansadas e desmotivadas, não quererem fazer as atividades, nos deu força para ajudar e levar o ensino e aprendizagem para pacientes hospitalizados, de diferentes países, cidades ou estados, este projeto foi de suma importância para minha conclusão no curso de Pedagogia.

PARTE 4 PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao escolher o curso de pedagogia para poder contemplar meus conhecimentos não imaginei que seria tão gratificante aprender sobre a educação, durante essa trajetória pude vivenciar através dos estágios em escolas um pouco sobre a prática nessa profissão, me imagino ensinando diferentes tipos de pessoas, das pequenas crianças aos adolescentes.

Quando me formar, pretendo dar aulas em escolas particulares para iniciar a minha carreira na profissão, sempre fui apaixonada por educação infantil, pretendo fazer uma pós-graduação nessa área para ampliar meus conhecimentos e uma pós-graduação em educação inclusiva para poder ensinar todos igualmente.

Um dos meus sonhos sempre foi fazer psicologia e ao iniciar o curso de pedagogia vi o tanto que as duas áreas se correlacionam e isso só me incentivou a da continuidade nesse meu sonho, ao atuar em escolas vi como a parte do psicológico da criança interfere diretamente no seu desempenho acadêmico, e com o suporte e conhecimentos da psicologia, vejo que posso crescer muito na área da educação traçando esse caminho.

Passar em um concurso público sempre foi minha meta de vida, o concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) é meu objetivo principal, vejo como posso ser feliz ensinando diferentes tipos de pessoas, ajudando a formar uma criança para o mundo, pois o professor tem um papel muito importante não só no processo de ensino e aprendizagem, mas também é visto como um exemplo para tantas crianças, quem nunca falou “quero ser igual ao meu professor quando eu crescer”.

Pretendo fazer um mestrado fora do Brasil em alguma área específica da educação, pois quero ajudar a ampliar tantas descobertas que já existem no meio educacional.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Congresso Nacional. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 2 ago. 2012.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n. 9.394/1996*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 2 ago. 2022.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n. 11.274/2006*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11274-6-fevereiro-2006-540875-publicacaooriginal-42341-pl.html>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Lei n. 11.104 de 21 de março de 2005*. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2005/lei-11104-21-marco-2005-536146-publicacaooriginal-26364-pl.html>. Acesso em: 2 ago. 2022.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Resolução n. 41 de outubro de 1995*. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/resolucao-n-41-de-13-de-outubro-de-1995/>. Acesso em: 18 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. *Resolução n. 2/2001*. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC: Câmara de Educação Superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial*. Brasília: MEC: SEESP, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.
- BRITO, Luciana Santos; PERINOTTO, André Riani Costa. O brincar como promoção à saúde: a importância da brinquedoteca hospitalar no processo de recuperação de crianças hospitalizadas. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 291-315, dez. 2014.
- CARDOSO, Mirelle Ribeiro. *Desafios e possibilidades da ludicidade do atendimento pedagógico hospitalar*. – Brasília: Universidade de Brasília, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). 134 p.
- CASTRO, Marleisa Zanella de. Escolarização hospitalar: desafios e perspectivas. In: *Escolarização Hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar*. Petrópolis: Vozes, 2009.

CUNHA, Nilse Helena Silva. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. 3. ed. São Paulo: Vitor, 2001.

FONSECA, Eneida Simões da; CECCIM, Ricardo Burg. Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. *Temas sobre Desenvolvimento*, v. 7, n. 42, p. 24-36, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOI, Adalto Felix de. *Hotelaria hospitalar e humanização no atendimento em hospitais*. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2008.

KRYMINICE, Andressa Oliveira de Souza; CUNHA, Célia Regina Algarte da. As múltiplas linguagens artísticas e a criança enferma. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Org.). *Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 174-187.

LUCKESI Cipriano. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. Ensinando a alegria à classe hospitalar. *Vida, Saúde, Educação e Meio Ambiente*. p. 1-7, jul./set. 1999.

RODRIGUES, Janine. *Classes hospitalares: espaço pedagógico nas unidades de saúde*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 1991.

SCHILKE, Ana Lúcia T. Caminhos e descaminhos da classe hospitalar: buscando compreender os projetos educativos em disputa. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia L. *Teoria e prática na pedagogia hospitalar: novos cenários e novos desafios*. Curitiba: Champagnat, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semynovich. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

